



RELICI

NAIR DE TEFFÉ (RIAN): A CARTUNISTA E O DESEJO DE CRIAR O CINE RIAN¹

NAIR DE TEFFÉ (RIAN): THE CARTOONIST AND THE DESIRE TO CREATE CINE RIAN

Fernando Antonio Prado Gimenez²

Nair de Teffé tornou-se uma personagem histórica da Primeira República ao casar-se com o então Presidente Marechal Hermes da Fonseca. Porém, muito mais do que ter sido mulher de presidente, Nair de Teffé ficou conhecida por suas caricaturas. Nascida em 10 de junho de 1886, filha de Antônio Luiz von Hoonholtz, o Barão de Teffé, e de Juana Cistina Van Angel D'Alt von Hoonholtz viveu na França entre 1897 e 1893, primeiro em Paris e depois em Nice, quando voltou ao Brasil na companhia dos pais (SANTOS, 1999). Porém, no mesmo ano o pai decidiu retornar a Nice, devido ao clima político que não lhe era favorável, mudando-se para Roma no mesmo ano (SANTOS, 1999).

Aos nove anos, segundo relato da própria Nair de Teffé, ela desenhou a primeira caricatura após a visita de Madame Carrier aos pais. Obrigada a ouvir a conversa entre os adultos, quando a velha senhora foi embora, dirigiu-se ao seu quarto muito aborrecida por ter que ficar ouvindo as conversas dos adultos, e fez a caricatura, que foi vista pelo seu irmão. Entusiasmado, este mostrou aos pais o desenho feito pela irmã (SANTOS, 1999). No mesmo relato, ela disse que a segunda caricatura que desenhou foi de uma freira muito impicante e nariguda do Convento Saint Ursule em Nice quando lá estudou (SANTOS, 1999).

Aos dezessete anos (1903), novo retorno ao Brasil, mais uma vez breve, seguido por nova mudança para Paris. O retorno definitivo para o Brasil deu-se no Natal de 1905, com a família que passou a morar em Petrópolis (SANTOS, 1999).

¹ DOI: doi.org/10.5281/zenodo.14976449

² Universidade Federal do Paraná. gimenez@ufpr.br



RELICI

2

Campos (2016, p. 26) observa que, em um contexto em que a maioria das mulheres no Brasil era analfabeta, Nair de Teffé teve “uma educação privilegiada e requintada: aprendeu francês, inglês, alemão, latim, espanhol e italiano, além de conhecimentos humanísticos e artísticos”.

Sua primeira caricatura na imprensa brasileira foi na revista Fon-Fon³ em 31 de julho de 1909 (SANTOS, 1999; CAMPOS, 2016)⁴. Esta foi publicada na Seção “Esboçetos” que era assinada por Fiorellini, na revista dirigida por Mário Pederneiras, Lima Campos e Gonzaga Duque (CAMPOS, 2016).



Caricatura da eminente artista francesa, obra do lapiz fantasista de *Rian*, pseudonymo que mal encobre a personalidade de uma das mais distintas e espirituosas senhoritas da nossa *élyte*, cuja physionomia original já figurou na secção *Esboçetos* do nosso colega Fiorellini (Legenda da caricatura em Fon-Fon, n. 31, 1909)⁵

Figura 1 – Caricatura de Réjane por Rian
Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional⁶

Em 1908, na edição de número 22 da Fon-Fon, Fiorellini assim a descreveu:

Trefega, viva, bem fallante, engraçada, observadora, apanhando n'um relance de olhos os *tics*, os senões *physicos* do proximo.
Rosto de boneca com os seus cabellos louros, *bouclés* de modo bizarro, com os seus olhos de *faïence*, com a sua cutis de finíssimo *biscuit*.
Originalissima no penteado e no vestuário, com o gosto um tanto germânico.

³ Fon Fon : Semanario Alegre, Politico, Critico e Espusiante (RJ) pode ser acessado na hemeroteca da Biblioteca Nacional. A primeira edição foi em 13 de abril de 1907.

⁴ Costa (2016) apresenta no capítulo 2 uma descrição muito interessante do contexto social Brasileiro à época, do surgimento da caricatura no Brasil e sua consolidação na imprensa brasileira, bem como uma discussão sobre o que é a caricatura e o *portrait-charge*.

⁵ Mantida a grafia original.

⁶ Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=259063&pagfis=3213>.



RELICI

Apreciadora de bom teatro, de útil leitura, polyglota, manejando especialmente o francês como a mais ilustrada filha da Cidade-Luz, da qual tem a espontânea verve.

Conhecedora de toda a *etiquete* da grande sociedade, de todo o manual de bom tom, filha e irmã de diplomatas, cujo nome deixou em côrtes européas um rastro de fulgor e de distinção.

Um tanto mordaz, satírica nos seus desenhos – a sua vocação – lembrando as *charges* de certos caricaturistas franceses.

E para mostrar que essa fingida maldade não passa de um inofensivo passatempo assigna-os *Rian*, disposta a rir, a rir sempre, de acordo com a radiante primavera de seus desoito anos⁷ (FIORELLINI, 1908).

Nair de Teffé tornou-se reconhecida no Brasil e na França, tendo sido a primeira mulher a ser caricaturista no Brasil (SANTIAGO, 2020). Segundo Chagas (2016), o pseudônimo de Rian que Nair adotou foi sugestão de um de seus irmãos.

Além de ser um anagrama do seu próprio nome, Rian corresponde à transcrição literal em português, de como se pronuncia a palavra “rien” que, em francês, significa “nada”, dando, portanto, ao pseudônimo um delicado e sofisticado toque de humor niilista (CHAGAS, 2016, p. 59).

Nair de Teffé, também, foi convidada a ilustrar livros críticos sobre a sociedade carioca: “Petrópolis, a encantadora” de Otto Prazeres em 1922; e “The Beautiful Rio de Janeiro”, em 1916 de Alured Gray Bell (CAMPOS, 2016). Para Campos (2016, p. 36-37), o trabalho caricatural de Nair de Teffé

crece plasticamente no decorrer dos anos, apesar de diminuir quantitativamente: utiliza-se dos recursos mais modernos na imprensa, como a cor, e aprimora a crítica elegante nas suas caricaturas, nos aspectos sociais, voltando-se para personalidades políticas, tipos populares da burguesia carioca e personagens do meio artístico da época.

Além de caricaturista, em que assinava Rian, segundo Santos (1999), era o teatro a sua grande paixão, tendo atuado em 1912 na peça *Miss Love* de Coelho Neto. E, ademais, fundou em Petrópolis a “*Troupe Rian*, constituída de moças e rapazes da melhor sociedade local, realizando espetáculos em benefício das obras da Catedral de São Pedro Alcântara” (SANTOS, 1999, p. 32). Em 08 de dezembro de 1913, aos 27 anos, Nair se casaria com o Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, na cidade de Petrópolis, então Presidente do Brasil que enviuvara em fins de 1912.

⁷ Mantida a grafia original.



RELICI

Nair mudou-se para o Palácio do Catete, a residência presidencial cerca de três semanas após o casamento. A partir de então, o Palácio do Catete passou a ser o local de recepções organizadas por Nair de Teffé para amigos e parentes dela e do presidente. Duas reuniões marcaram o período em que o casal residiu no Catete: em maio de 1914, Nair de Teffé convidou Catulo da Paixão Cearense para participar de um sarau; e, em dezembro do mesmo ano Nair de Teffé tocou ao violão o famoso *Corta-Jaca* de Chiquinha Gonzaga a partir de partitura para violão e piano escrita pela maestrina para Nair de Teffé atendendo pedido de Catulo (SANTOS, 1999). Esta segunda noite ficou conhecida como a noite do “*Corta-Jaca*”. Ambos os eventos foram severamente criticados pela oposição política ao Presidente, que lamentaram a entrada do violão e da música popular no Palácio do Governo. Tornou-se famoso o pronunciamento do então Senador Rui Barbosa que ficou registrado no Diário do Congresso Nacional criticando o fato do *Corta-Jaca* ter sido tocado no Palácio do Catete:

Uma das folhas de ontem estampou em “fac-símile” o programa da recepção presidencial em que, diante do corpo diplomático, da mais fina sociedade do Rio de Janeiro, aqueles que deviam dar ao país o exemplo das maneiras mais distintas e dos costumes mais reservados elevaram o “*Corta-Jaca*” à altura de uma instituição social. Mas o “*Corta-Jaca*” de que eu ouvira falar há muito tempo, que vem a ser ele, Sr. Presidente? A mais baixa, a mais chula, a mais grosseira de todas as danças selvagens, a irmã gêmea do “batuque”, do “cateretê” e é executado com todas as honras de música de Wagner, e não se quer que a consciência deste país se revolte, que as nossas faces se enrubescam e que a mocidade se ria! (SANTOS, 1999, p. 46).

Sobre este episódio e outros, Galetti e Simili (2013) indicam que os posicionamentos de Nair indicavam posturas e comportamentos feministas, pois:

ao empregar as penas e as charges para responder às críticas de Rui, a primeira-dama declara que a mulher não devia calar-se diante dos preconceitos dos homens. Foi o que ela fez quando soube que Barbosa a caracterizou como uma mulher a quem faltava “decoro” nas festas oferecidas no palácio. Nesse ato, de certa forma, Nair defendeu também a figura de Chiquinha Gonzaga, uma mulher que, pelo trabalho musical e pela coragem em defender os princípios nos quais acreditava, também era alvo de preconceitos (GALETTI; SIMILI, 2013, p. 144).



RELICI

Após o término do mandato de Hermes da Fonseca, o casal mudou-se para Petrópolis. No entanto, em um acidente com uma charrete e um cavalo em disparada, Nair se machucou gravemente, com uma séria lesão no quadril (SANTIAGO, 2020). Após os primeiros tratamentos no Brasil, ela, na companhia do Marechal e de seus pais mudou-se para a França e depois Suíça, ficando em tratamento entre 1916 e 1920, quando retornaram ao Brasil a pedido do Marechal Hermes da Fonseca que voltaria a se engajar no mundo da política brasileira. Todavia, as lutas políticas no Brasil, acabaram fazendo com que Hermes da Fonseca fosse preso por 24 horas a mando do Presidente Epitácio Pessoa, em julho de 1922⁸. Com o andar das desavenças, Hermes da Fonseca voltaria a ser preso, alguns dias depois. Só foi posto em liberdade em 6 de janeiro de 1923, vindo a falecer seis meses depois em 9 de setembro de 1923 (SANTOS, 1999).

Pouco mais de 14 meses depois, em dezembro de 1924, o espírito inquieto e provocador da caricaturista seria despertado por uma série de perguntas lhe encaminhadas pelo Jornal de Petrópolis acerca da questão do voto feminino e da entrada das mulheres na política. Eram seis perguntas às quais Nair de Teffé respondeu de forma, ao mesmo tempo, contundente e irônica com uma posição francamente favorável à entrada das mulheres no mundo da política. Por exemplo, ao discorrer sobre até que ponto deveria se dar a entrada da mulher na política, ela respondeu:

A posição vexatória em que os países sul-americanos colocaram a mulher, desde que se tornaram livres, negando-lhes até o direito de voto na eleição dos seus "Lycurgos", tende, dia-dia, a desaparecer por completo. No velho continente, depois de serem discutidas as leis que vedavam ao partido feminista toda liberdade de ação, parece ter ficado assentado que a mulher, na generalidade, em todas as esferas, é mais hábil do que os homens... pois mais do que eles tudo produz economicamente ((SANTOS, 1999, p. 70).

Essa posição firme sobre o papel das mulheres na sociedade, se manifestaria de forma inequívoca no período em que Nair de Teffé esteve à frente da Academia

⁸ Nair de Teffé escreveu um livro autobiográfico – A verdade sobre a Revolução de 22 - em que abordou este período entre outros fatos de sua longa vida. O livro foi objeto de análise em Amaral (2007).



RELICI

Petropolitana de Letras, antiga Associação de Ciências e Letras, entre 1928 e 1932, na qualidade de Presidente. Durante este período, Nair de Teffé liderou diversas iniciativas que marcaram o mundo das letras na cidade de Petrópolis (SANTOS, 1999). Santiago (2020, p. 46) lembra que

em companhia de outras mulheres cariocas, como Laurinda Santos Lobo e a jornalista Eugenia Moreira, Nair de Teffé quebrou vários padrões da época e escandalizou a sociedade ao apoiar e interagir abertamente com o Modernismo e os ideais feministas da época, tendo suas atitudes e apelos grande e relevante importância diante das autoridades máximas do país.

Ainda conforme Santiago (2020), Nair de Teffé foi a primeira mulher no Brasil a usar calças compridas em um evento aberto e participou da Semana de Arte Moderna de 22. E, ainda, era frequentadora assídua do “Bar do Jeremias, reduto de boêmios, músicos, intelectuais malvistas pela sociedade, um local extremamente proibido para mulheres (SANTIAGO, 2020, p. 49). Porém, Nair de Teffé ia a esse bar na companhia de seu pai (CAMPOS, 2016).

Outra evidência da ousadia de Nair de Teffé em relação aos padrões sociais da época de seu casamento com Marechal Hermes surge em Amaral (2007). Relatando a visita que fez à exposição “Caricaturistas Brasileiros: 1836/2004” na Casa França Brasil, Rio de Janeiro, Solange Amaral informa ter encontrado seis caricaturas de Rian. Entre elas, uma surpreendente caricatura do esposo nu, não datada, mas assinada por Rian. A caricatura, que trazia os órgãos genitais do Marechal “expostos e bem marcados, tocados por uma das mãos, sem forma definida”, levou Solange Amaral a concluir:

Consta o grotesco em Rian e em sua primazia, surpreendentemente ou não, tendo como modelo o “idolatrado” marido. Suas costas e orelhas são peludas, o nariz é bem avantajado, e as orelhas, de abano. A figura do Marechal lembra a figura lendária do ogro. Conscientemente ou não, Rian pode ter feito uma alusão à satirizada ignorância do Marechal, caricaturando-o como ogro ((AMARAL, 2007, p. 100).

Com esse espírito ativo, audacioso e realizador, Nair de Teffé usou a herança deixada por seu pai para comprar uma propriedade na Avenida Atlântica, um antigo palacete de dois andares. Tempos depois, planejou construir um edifício mais



RELICI

moderno e, não tendo os recursos financeiros para tal empreitada, usou da influência de sua amiga Darcy Vargas para conseguir um empréstimo junto à Caixa Econômica Federal. Sua intenção era abrir o Cine Rian em Copacabana. A explicação para o nome, ela deu em entrevista ao jornalista Geraldo Hudson, do jornal *A Gazeta*, de Além Paraíba, em 31 de março de 1968:

Meu pai, que era o homem mais coruja do mundo, desejava ver brilhando o meu nome – Nair ou Rian – em qualquer parte do Brasil e sob qualquer forma. E foi para satisfazer o sentimento vaidoso de meu pai que batizei o cinema que levantei, sem tostão, contando apenas com o empréstimo da Caixa Econômica Federal (SANTOS, 1999, p. 88).

No entanto, premida pelas dificuldades financeiras, Nair de Teffé inicialmente alugou o prédio para a Companhia Cinematográfica de Luís Severiano Ribeiro, tendo o aluguel acertado sido de cinco contos de réis por três anos. No entanto, após negociações por meio de advogados, foi majorado para dezoito contos de réis. Por fim, tempos depois, ela vendeu o imóvel para Severiano Ribeiro. Em 28 de março de 1975, o Cine Rian foi consumido em um incêndio (SANTOS, 1999)⁹.

Em uma entrevista publicada em 07 de maio de 1942, há uma fotografia de Nair de Teffé com Francisco de Assis Barbosa, publicada no periódico “Diretrizes: Política, Economia e Cultura. A legenda da fotografia menciona os planos de Nair de Teffé sobre o Cine Rian: “Falando dos seus projetos futuros, D. Nair mostra-nos a “maquete” do Cine Rian que está construindo em Copacabana, na altura do posto 6, de frente voltada para o mar” (BARBOSA, 1942). Porém, no teor da entrevista, Francisco de Assis Barbosa não abordou a questão do Cine Rian, atendo-se exclusivamente ao período de casamento com o Marechal Hermes e as caricaturas de Rian.

No entanto, ao que tudo indica, Nair de Teffé não chegou a inaugurar seu próprio cinema. Por meio de busca na hemeroteca da Biblioteca Nacional usando as

⁹ Carlos Drummond de Andrade, na crônica “Os cinemas estão acabando”, faz menção ao desaparecimento do Cine Rian: “Esse Rio de Janeiro! O homem passou em frente ao Cinema Rian, na Avenida Atlântica, e não viu o Cinema Rian. Em seu lugar havia um canteiro de obras”. Disponível em http://media.bcc.org.br/documento/filmecultura/artigo/pdf/RC_FILMEC_47_108-109.pdf.



RELICI

palavras “Cine Rian, localizei uma nota publicada no O Jornal do Rio de Janeiro, em 10 de setembro de 1942, que anunciava a inauguração do Cine Rian para a segunda quinzena do mesmo mês:

Prosseguindo no seu programa de dotar cada bairro da cidade de um cinema confortável e digno (quando chegará a vez de São Cristovão?) a empresa Luiz Severiano Ribeiro tem a satisfação de anunciar, para a segunda quinzena do mês corrente, a inauguração de uma nova sala de espetáculos. Trata-se do Cine “Rian” à Avenida Atlântica e como seus congêneres Vitória, São Luiz e Carioca dotado dos mais modernos requisitos técnicos de ar refrigerado, poltronas estofadas, etc.

Não foi ainda escolhido o filme inaugural, mas podemos adiantar aos fans que o Cine “Rian” apresentará em suas telas exclusivamente os “big hits” da temporada, selecionados escrupulosamente pela Emp. Severiano Ribeiro, e onde já se encontram entre outros “Os irmãos Corsos”, com Douglas Fairbanks Jr; “Canção do Hawaii”, com Betty Grable; “Brumas”, com Kean Gabin e Ida Lupino; “Aconteceu em Havana”, com Alice Faye; “Sucedeu no carnaval”, com Bob Hope; “Isto acima de tudo”, com Tyrone Power e Joan Fontaine; e “Seis destinos”, com Charles Bover, Ginger Rogers, Henry Fonda, Rita Hayworth e Charles Laughton (NOVO CINEMA, 1942).

Esta nota foi também publicada no Jornal do Comércio na mesma data (NA AV ATLANTICA O CINE RIAN, 1942). No entanto, não seria em setembro de 1942 a inauguração do Cine Rian. Pode-se observar pela lista de filmes mencionados que, nesta época, o mercado exibidor de cinemas no país já estava dominado pela presença da produção estadunidense, embora a partir de meados da década de 40, o cinema brasileiro ganharia grande impulso com as chanchadas e musicais (SALES GOMES, 1996).

Outra nota no Diário Carioca de 05 de novembro daquele ano informava “Está por dias? – quantos? ninguém sabe – a inauguração do Cine Rian o mais recente integrante da empresa Luiz Severiano Ribeiro que, sito à Avenida Atlântica, será um dos líderes dos grandes lançamentos.” (RIAN, 1942). Após inúmeros adiamentos, devido a uma série de problemas técnicos, o Cine Rian foi inaugurado no dia 28 de novembro de 1942, um sábado, às 16 horas. Na primeira sessão do Cine Rian foi exibido “Aconteceu em Havana”, uma produção da Fox com a participação de Carmen Miranda (INAUGURA-SE AMANHÃ O CINE RIAN, 1942; SÁBADO A INAUGURAÇÃO



RELICI

DO RIAN, 1942). Este foi o segundo filme em que a atriz luso-brasileira participou em Hollywood¹⁰.



Figura 2: Cine Rian
Foto: Acervo / O Globo¹¹

O episódio do Cine Rian na vida de Nair de Teffé parece ter sido muito traumático para ela. Em entrevista dada a Diva Lemos, Mozar Araújo e Ricardo Cravo Albim, em 22 de abril de 1969, no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro¹², Nair de Teffé se referiu a este episódio. Em suas palavras:

O Cinema Rian... Quando o papai morreu, deixou pouca coisa, algumas casinhas velhas... E me beneficiou, como era filha única e estava viúva e que não tinha meios, pois o Marechal não era rico. Depois que a mulher dele morreu, ficou pobrezinho... [...] então, meu pai me beneficiou com o pouquinho que ficou. Uns 200 contos, por aí... 300. Comprei um terreno na Av. Atlântica. Chamavam Vila Santa... Queriam todos fazer construções e eu

¹⁰ Em Macedo e Sant'Anna (2019) observa-se uma breve descrição do início da carreira de Carmen Miranda nos Estados Unidos, que coincide com a instalação da Política de Boa Vizinhança do Presidente Roosevelt: "Em 1939, Carmen Miranda sai do Brasil para atuar na Broadway, nos Estados Unidos. Seu contrato é inicialmente com o produtor Lee Shubert, que, junto com seu irmão, praticamente dominava a Broadway. [...] A estreia de Carmen Miranda na revista Streets of Paris causou comoção no país e sua performance fez um grande sucesso que se alastrou pelas mídias. [...] Carmen Miranda logo atraiu a indústria cinematográfica hollywoodiana e, no ano seguinte à sua chegada ao país, em 1940, fez seu primeiro filme na Twentieth Century Fox, "Serenata Tropical" (Down Argentine Way, 1940). Sua ligação com o estúdio durou até 1945, quando a Política da Boa Vizinhança teve fim e a Fox aceitou que a artista comprasse seu contrato. [...] (MACEDO; SANT'ANNA, 2019).

¹¹ Acessada em <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/cinco-cinemas-de-rua-que-marcam-rio-deixaram-saudade-14340033>

¹² Transcrição disponível em Amaral (2007)



RELICI

recebi propostas para, justamente, o cinema. Mas, como não tinha dinheiro, tive que levantar 3 milhões na Caixa Econômica. Levantei com meu nome, com meu prestígio... Só dando o terreno. E eles deram tudo. [...] E fiquei com muito medo de perder tudo. O cinema foi construído durante a grande guerra. [...] Obtive o empréstimo total. Mas eu fiquei muito assustada, porque tinha que pagar 30 e tantos contos à Caixa Econômica. Onde é que eu ia buscar? Me atralhei muito e tive que vender para o Luiz Severiano Ribeiro, que foi o último a propor o cinema. Por uma bagatela. Sabe como é, naquele tempo... Foi uma bagatela: mil e tantos contos...

E assim, frustrada com seu empreendimento cinematográfico Nair de Teffé conservou por longos anos essa mágoa do mundo dos negócios. Santos (1999) relata a reação de Nair de Teffé ao ser informada sobre o incêndio que destruiu o Cine Rian em 28 de março de 1975, respondendo a um repórter do jornal “O Fluminense”: “Severiano não se portou à altura de um cavalheiro, aproveitando-se de minhas dificuldades. Foi um castigo” (SANTOS, 1999, p. 89).

Anteriormente, em entrevista dada a Geraldo Hudson em 1968, ela já manifestara esta mágoa:

Perdi o cinema, mas ficou o nome... Nas trevas da noite destacava-se o meu pseudônimo “Rian” todo iluminado. [...] Se um dia... (há sempre um dia na vida da gente) Luís Severiano quiser, como já quis, apagar o nome Rian, ele continuará brilhando mais ainda, porque a injustiça desonra o autor e enaltece sua vítima.

Porém, não seria Luís Severiano quem apagaria o nome de Rian do prédio do cinema. Esta tarefa coube ao incêndio já referido.

Aos 10 de junho de 1981, data de seu aniversário, quando completou 95 anos de idade, Nair de Teffé faleceu no hospital Procordis, no bairro de Santa Rosa, em Niterói (SANTOS, 1999). Espero ter sido capaz de, neste breve editorial, fazer justiça à trajetória da artista e personagem do Brasil que deixou sua marca permanente em nossa história.



RELICI

REFERÊNCIAS

AMARAL, Solange Mello do **Discurso autobiográfico: o caso Nair de Teffé**. Rio de Janeiro, Museu da República, 2007.

BARBOSA, Francisco de Assis Nair de Tefé, aristocrata da 1ª República. **Diretrizes: Política, Economia, Cultura**, Rio de Janeiro, Edição 97, 07/05/1942, p. 16-18, 24.

CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque **Nair de Teffé: artista do lápis e do riso**. Curitiba: Appris, 2016.

CHAGAS, Mario Nair de Teffé – uma mulher entre a arte e a política. In: Assis, Maria Elisabete Arruda de; Santos, Taís Valente dos (Org.) **Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2016, p. 59-65.

FIORELLI O Rio Elegante. **Revista Fon-Fon**, a. II, n. 22, 05/09/1908.

GALETTI, Camila Hildebrand; SIMILI, Ivana Guilherme Mulheres, casamento e política: a artista e primeira-dama Nair de Teffé. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, v. 26, n. 1, p. 129-151, 2013.

INAUGURA-SE AMANHÃ O CINE RIAN, 1942. **Diário de Notícias**, 27/11/1942, Rio de Janeiro.

MACEDO, Kárita Bernardo de; SANT'ANNA, Mara Rúbia O primitivo flerta com o moderno: os filmes de Carmen Miranda como encenação das relações entre Estados Unidos e América Latina na Política da Boa Vizinhaça. **Visualidades**, 2019, v.1: e-57401.

NA AV ATLANTICA O CINE RIAN. **Jornal do Commercio**, 10/09/1942. Rio de Janeiro.

NOVO CINEMA. **O Jornal**, 10/09/1942, Rio de Janeiro.

RIAN. **Diário Carioca**, 05/11/1942, Rio de Janeiro.



RELICI

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins **Nair de Teffé**: vidas cruzadas. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SÁBADO A INAUGURAÇÃO DO RIAN **Diário de Notícias**, 26/11/1942, Rio de Janeiro.

SALES GOMES, Paulo Emílio **Cinema**: trajetória no subdesenvolvimento. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SANTIAGO, Viviane Ferreira **As meninas de vinte e dois**: maiores que o mundo. São Paulo: Patuá, 2020.

SANTOS, Paulo César dos **Nair de Teffé**: símbolo de uma época. 2ª. Edição. Petrópolis: Sermograf, 1999.